

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2010/2011

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## **O CASAL AGRÍCOLA DA I IDADE DO FERRO DE LEIÃO (OEIRAS)\***

João Luís Cardoso<sup>1</sup>, Carlos Tavares da Silva<sup>2</sup>, Filipe Martins<sup>3</sup>, Conceição André<sup>3</sup>

### **1 - ANTECEDENTES**

Quando se apresentou o estudo de síntese sobre a ocupação agrária do território oeirense no período romano (CARDOSO & CARDOSO, 2005), reproduziram-se alguns materiais, recolhidos à superfície, na área ocupada pelo estabelecimento romano de Leião, datável entre a segunda metade do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C. (CARDOSO, 2011), que indicavam, pela tipologia, os finais da Idade do Ferro, compatíveis com a fase mais antiga daquele estabelecimento rural (*op. cit.*, Fig. 3).

No decurso daquela exploração, realizada em Setembro e Outubro de 2008, foram prospectados os terrenos circundantes, aproveitando a longa permanência no local, tendo-se confirmado a existência, na sequência de indicação de Guilherme Cardoso, a cerca de 160 m para WNW do estabelecimento romano (coordenadas: 38° 43' 45'' Lat. N; 9° 18' 00'' Long. W de Greewich), de uma concentração de materiais cerâmicos da Idade do Ferro nos terrenos então objecto de recente lavra, que muito facilitou a respectiva identificação (Fig. 1). No entanto, tais materiais não eram acompanhados de produções romanas, de épocas posteriores, ao contrário do que se verificava na área de implantação do estabelecimento romano. Esta realidade motivou a realização de uma intervenção arqueológica na zona em apreço, tanto mais que aquela se integrava em espaço a ser urbanizado. Obtido o consentimento dos proprietários do referido empreendimento, por intermédio do Sr. Arq. Baptista Fernandes, Director do Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Oeiras, foi agendada a intervenção para Outubro de 2009, depois de obtida, a 7 de Setembro de 2009, a necessária autorização por parte do IGESPAR, concedida ao primeiro signatário, na qualidade de arqueólogo responsável.

---

\* Fotos de terreno de J.L.C. Fotos de estúdio de C. Santos (GC/CMO). Plantas e cortes de B. Ferreira (CEACO/CMO). Desenhos de materiais de F. Martins.

<sup>1</sup> Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

<sup>2</sup> Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

<sup>3</sup> Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).



**Fig. 1** – Leão. Localização do estabelecimento romano dos séculos I a.C./I d.C. e do núcleo da Idade do Ferro, situados na periferia da povoação actual.

## 2 – CARACTERÍSTICAS GEOMORFOLÓGICAS, TRABALHOS REALIZADOS

### 2.1 – Características geomorfológicas

A área onde se observou a maior concentração de vestígios cerâmicos da Idade do Ferro corresponde a terreno levemente ondulado, de solos calcários, cujos afloramentos se encontram a pequena profundidade, a cerca de 0,50 m da superfície. Com pendor ligeiro para Oeste e Sul, onde corre linha de água, do local – que corresponde, como se referiu, a área de expansão da povoação de Leão, com a qual confina – desfruta-se paisagem dasafogada, especialmente para Sul e poente.

### 2.2 – Trabalhos realizados

Tendo presente a distribuição dos vestígios à superfície, delimitou-se uma área a intervencionar de 24 por três metros, orientada NW-SE, constituída por quadrados de 3 metros de lado (Fig. 2), totalizando 10 quadrados, a qual em fase avançada dos trabalhos foi alargada para o quadrante de NW, através da abertura de mais dois quadrados (Fig. 3). A cada quadrado foi atribuído um número, respeitando-se a técnica de escavação por camadas artificiais de 0,20 metros de potência, até se atingir o substrato geológico.

Os trabalhos de campo decorreram entre os dias 16 e 30 de Outubro de 2009, totalizando dez dias úteis, sob orientação e responsabilidade do primeiro signatário. Neles participaram diariamente, dois dos co-autores



Fig. 2 – Leião. Marcação do terreno agricultado antes da realização das escavações. Foto de J. L. Cardoso.

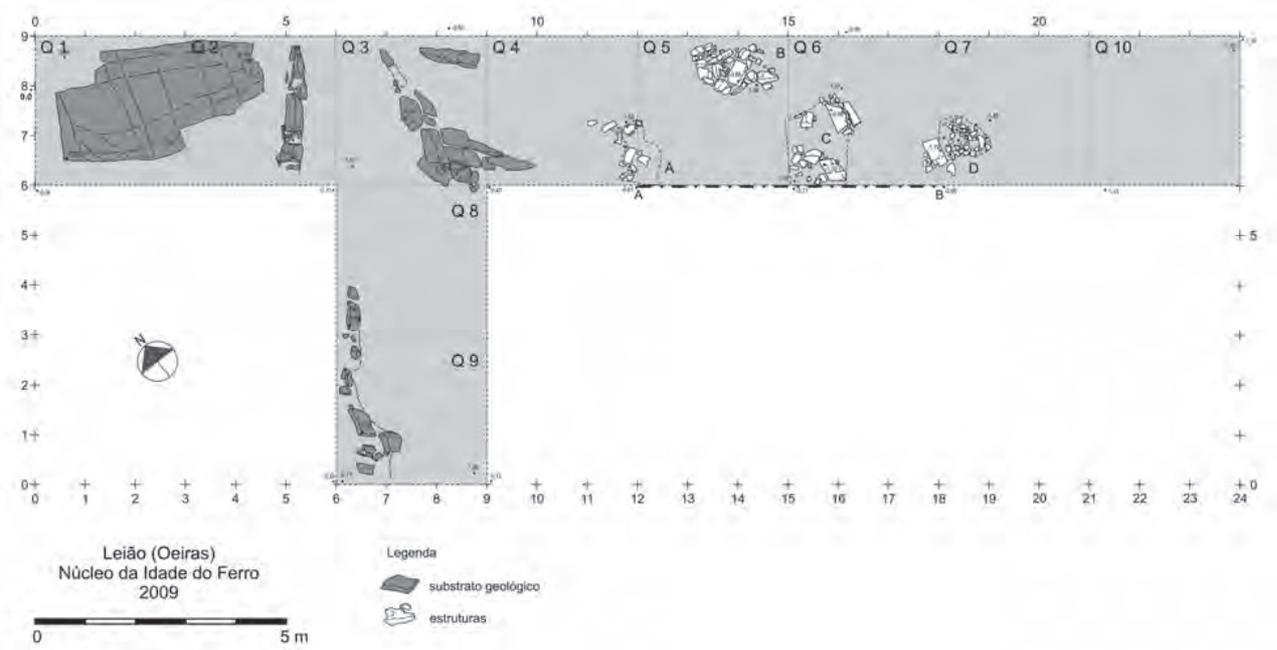


Fig. 3 – Leião. Planta da área escavada.

(F. M. e M. C. A.), e beneficiaram do apoio de uma mini-escavadora giratória Bobcat x 320, cedida pela Divisão de Espaços Verdes/CMO, a quem cumpre agradecer, na pessoa do senhor Arq. Alexandre Lisboa, bem como ao respectivo manobrador, o senhor Paulo Jorge Sousa.

Apresenta-se de seguida a descrição diária dos trabalhos realizados:

### **Dia 16 de Outubro**

Definição da área a interencionar. Delimitou-se uma área de 24 x 3m, orientada NW-SE, subdividida em quadrados de 3 metros de lado.

### **Dia 19 de Outubro**

Início dos trabalhos, com a abertura do Q1; Procedeu-se à recolha do espólio em camadas artificiais de 20 cm, atingindo-se aos 61 cm o substrato geológico (bancadas de calcário cretácicas, fortemente inclinadas):

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras e muitos materiais modernos;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha clara, com poucas pedras;
- dos 40 aos 61 cm = terra castanha clara compacta, com algumas pedras;

Concluiu-se o trabalho com a limpeza dos cortes e da respectiva limpeza da área.

No Q2 procedeu-se à recolha do espólio em camadas artificiais de 20 cm, como no quadrado anterior.

### **Dia 21 de Outubro**

Continuação da escavação e recolha do espólio no Q2 de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha clara, com poucas pedras e alguns blocos de calcário, de media dimensão, soltos do substrato geológico;
- dos 40 aos 60 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Após ter-se atingido o substrato geológico, aos 60 cm, procedeu-se à limpeza dos cortes e da área correspondente a este quadrado.

Abertura do Q3 recolhendo o espólio da primeira e segunda das camadas artificiais atravessadas.

### **Dia 22 de Outubro**

Conclusão da escavação do Q3, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha clara, com poucas pedras e alguns blocos de calcário, de media dimensão, soltos do substrato geológico;
- dos 40 aos 63 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Abertura e conclusão do Q4:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra cinza claro, com poucas pedras e alguns blocos de calcário, de media dimensão;
- dos 40 aos 58 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras, estéril do ponto de vista arqueológico;

### **Dia 23 de Outubro**

Início da decapagem do Q5 na mesma linha de orientação e sua conclusão atingindo substrato aos 60 cm, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra cinzenta clara, com cinzas e alguns blocos de calcário, de dimensões médias;
- dos 40 aos 60 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Nota: Este Quadrado forneceu um cossoiro inteiro aos 20 cm. Na camada dos 40 aos 60 cm recolheram-se de 2 fragmentos de jarro de cerâmica cinzenta fina, de colo nervurado.

### **Dia 26 de Outubro**

Limpeza e delimitação do Q5. Início da decapagem do Q6 e sua conclusão atingindo-se o substrato aos 59 cm, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra cinza clara, com poucas pedras e alguns blocos de calcário, de media dimensão;
- dos 40 aos 59 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

### **Dia 27 de Outubro**

Limpeza e delimitação do Q6. Início da decapagem do Q7 e sua conclusão atingindo-se o substrato aos 60 cm, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra cinzenta clara, com cinzas e alguns blocos de calcário, de dimensões médias;
- dos 40 aos 60 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Nota: o Q7 forneceu, na camada cinzenta clara dos 20 aos 40cm, 5 fragmentos de jarro de cerâmica cinzenta fina, de colo nervurado.

### **Dia 28 de Outubro**

Marcação de três novos quadrados (de três metros de lado), um a Este na mesma orientação dos quadrados já abertos e outros dois imediatamente a Sul do Q3. Início da decapagem do Q8, situado imediatamente a Sul do Q3, e sua conclusão atingindo-se o substrato aos 64 cm, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha clara, com alguns blocos de calcário, de dimensões médias;
- dos 40 aos 64 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Nota: o Q8 forneceu, na camada dos 20 aos 40 cm, um fragmento de jarro de cerâmica cinzenta fina, de colo nervurado e 2 fragmentos de taças, cerâmica fina, na camada dos 40 aos 64 cm;

### **Dia 29 de Outubro**

Início da decapagem do Q9, situado imediatamente a Sul do Q8, e sua conclusão atingindo substrato aos 60 cm, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra castanha clara, com poucas pedras e alguns blocos de calcário, de dimensões médias;
- dos 40 aos 60 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Nota: o Q9 forneceu, na camada dos 20 aos 40 cm, 1 fragmento decorado campaniforme inciso.

### **Dia 30 de Outubro**

Início da decapagem do Q10, situado imediatamente a Este do Q7, e sua conclusão atingindo-se o substrato aos 59 cm, de acordo com as seguintes camadas artificiais:

- dos 0 aos 20 cm = terra castanha escura vegetal, com poucas pedras;
- dos 20 aos 40 cm = terra cinzenta clara, com poucas pedras e alguns blocos de calcário, de media dimensão;
- dos 40 aos 59 cm = terra castanha clara compacta com algumas pedras;

Conclusão dos trabalhos de limpeza e realização do registo fotográfico da escavação.

Na Fig. 4 apresenta-se a vista geral dos trabalhos realizados.



**Fig. 4** – Leião. Vista geral da área escavada, no final dos trabalhos. Foto de J. L. Cardoso.

### 3 - RESULTADOS OBTIDOS

#### 3.1 - Estratigrafia

Como decorre da descrição dos trabalhos efectuados, verifica-se a existência, independentemente do local investigado, de uma sequência que corresponde genericamente às camadas artificiais escavadas, cada uma delas com 0,20 m de potência. Assim, de cima para baixo, a estratigrafia observada foi a seguinte (Fig. 5):

C.1 - terra vegetal embalando materiais de diversas épocas e elementos pétreos dispersos, que não ultrapassam 0,10 m de diâmetro, de coloração terrosa e acastanhada, com a potência média de 0,30 m;

C.2 - depósito mais consolidado e compacto que o anterior, por incluir maior quantidade de argila, de coloração castanho-acinzentada, em certas zonas de coloração esbranquiçada devido à presença de cinzas. O contacto com a C.1 é nítido, sublinhado pela diferença de colorações entre os dois depósitos, e encontra-se associado a um nível definido pela presença de lajes e de elementos de grandes recipientes dispostos horizontalmente, associados à existência de blocos dispersos, que, no conjunto, podem ser relacionados com estruturas arqueológicas (Fig. 6 e Fig. 7). A potência desta camada varia entre 0,10 m e 0,20 m, embalando a maioria dos materiais da Idade do Ferro;

C.3 - depósito terroso acastanhado compacto, com materiais da Idade do Ferro, assente no substrato geológico, constituído por bancadas de calcários duros do Cretácico, ou por um depósito castanho-avermelhado estéril ("terra rossa"). A potência desta camada é diminuta, separando-se com alguma dificuldade do substrato estéril, até por possuir escassa quantidade de materiais arqueológicos.

#### 3.2 - Estruturas

As únicas estruturas atribuíveis à Idade do Ferro correspondem a retalhos de superfícies lajeadas, muito pontualmente conservadas (Fig. 8), constituídas por elementos dispostos horizontalmente. Aparentemente associadas a estas estruturas, que têm o seu equivalente mais próximo no casal agrícola de Outurela 1 (CARDOSO, 1990, Fig. 10), as quais se podem associar preferencialmente a áreas a céu aberto, ocorrem aglomerados de blocos de

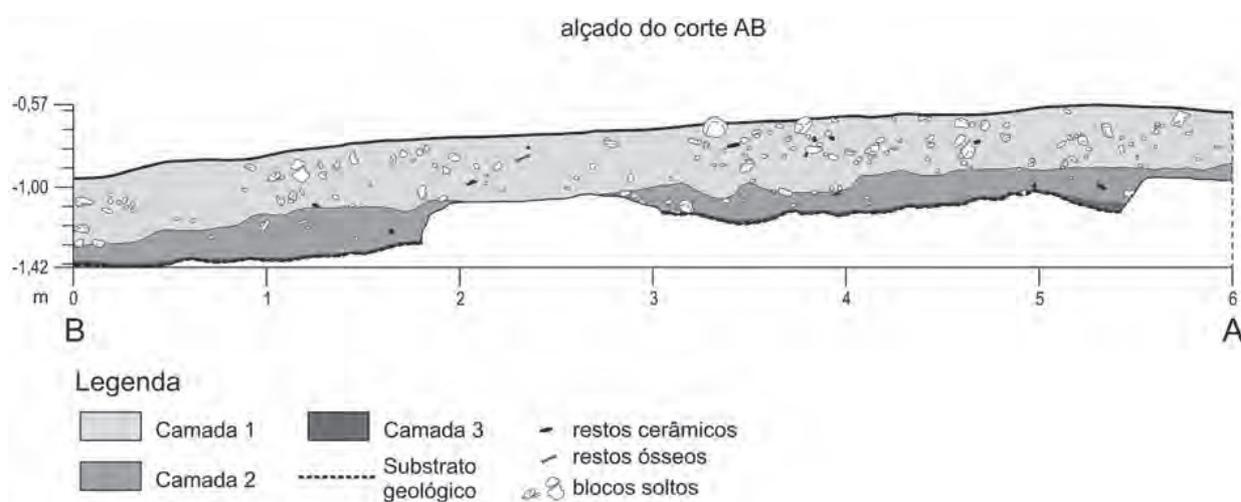


Fig. 5 - Leião. Corte estratigráfico AB (ver Fig. 3).



Fig. 6 – Leião. Aspecto do sector da escavação onde se identificaram restos de estruturas da Idade do Ferro. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 7 – Leião. Fragmentos de ânforas da Idade do Ferro dispostos horizontalmente para servir de apoio a estrutura de combustão, evidenciada pela presença de terras rubefactas e cinzas. Foto de J. L. Cardoso.



**Fig. 8** – Leão. Vista parcial da escavação, evidenciando-se restos de lajeados e de outras estruturas. Foto de J. L. Cardoso.

calcário, de que se observaram duas concentrações, uma, constituída por elementos de dimensões médias, nas proximidades da superfície lajeada anteriormente referida (Fig. 8), outra, integrando elementos de maiores dimensões, só parcialmente escavada (Fig. 9). Dada a diferença de tamanhos dos elementos constituintes nos dois casos, é provável que as funcionalidades respectivas fossem também distintas. Seja como for, trata-se de testemunhos de estruturas derruídas, cuja finalidade se desconhece. No caso da estrutura que integra elementos de maiores dimensões (Fig. 8), é de admitir tratar-se de derrubes de muro de alvenaria; com efeito, alguns elementos colocados aparentemente na vertical, aparentam integrar-se em embasamentos de muros de planta rectilínea (Fig. 8 e Fig. 9), no que também têm evidentes paralelos nas estruturas postas a descoberto em Outurela 1 (CARDOSO, 1990, Fig. 9).

## 4 - ESPÓLIOS ARQUEOLÓGICOS

### 4.1 – *Distribuição espacial e estratigráfica*

Os materiais recolhidos da Idade do Ferro correspondem exclusivamente a produções cerâmicas, cuja distribuição pela área escavada se apresenta no Quadro 1, enquanto a correspondente distribuição em profundidade consta do Quadro 2. Enfim, no Quadro 3 apresenta-se a ocorrência de cerâmicas modernas vidradas.

**Quadro 1** – Distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro consoante a tipologia

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Sup.	Total
Frag. cerâmica sem bordo	2	5	49	164	217	103	270	54	86	259	2	1211
Frag. cerâmica com bordo	8	7	29	13	16	8	15	16	9	20	21	162
Frag. cerâmica cinzenta fina sem bordo	-	2	13	18	24	14	32	4	17	35	-	159
Frag. cerâmica cinzenta fina com bordo	4	1	6	1	3	6	4	2	9	10	5	51
Bordos denteados	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	3
Fundos	-	-	7	6	4	5	2	2	4	6	5	41
Asas	1	4	5	4	3	3	2	1	-	3	31	57
<b>TOTAL</b>	15	19	110	208	267	139	325	79	125	333	64	1684

**Quadro 2** – Distribuição espacial e em profundidade dos fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Total
0 – 20 cm			-	15	49	23	57	15	24	36	215
20 – 40 cm			103	75	74	22	238	15	23	67	617
40 – 60 cm	15	19	7	118	144	94	30	49	78	230	788
<b>TOTAL</b>	15	19	110	208	267	139	325	79	125	333	1620

**Quadro 3** – Distribuição espacial e em profundidade dos fragmentos modernos vidrados

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Total
0 – 20 cm	2	2	-	-	2	-	3	-	1	2	12
20 – 40 cm	-	-	-	3	3	-	2	1	2	2	13
40 – 60 cm	-	-	-	2	-	2	-	2	1	-	7
<b>TOTAL</b>	2	2	-	5	5	2	5	3	4	4	32

Os resultados acima apresentados permitem concluir que:

- 1 – a distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro não é uniforme, verificando-se maior concentração nos quadrados onde se identificaram vestígios de estruturas. Em particular, a máxima ocorrência coincide com aqueles em que a estratigrafia evidenciou a presença de cinzas, relacionadas com as estruturas habitacionais ali existentes e de que se recolheram ténues vestígios (Quadro 1).
- 2 – o evidente acréscimo de materiais da Idade do Ferro em profundidade, atingindo um máximo na camada artificial de 40-60 cm, deve relacionar-se com a existência de nível de ocupação, situado entre 0,40 e 0,50 m de profundidade, denunciado pela existência de lajes e fragmentos de cerâmica dispostos horizontalmente, relacionados com diversas estruturas, hoje praticamente desaparecidas (Quadro 2).
- 3 – a existência de materiais modernos – cujo melhor indicador são as cerâmicas vidradas – as quais, no entanto, decrescem em profundidade, a partir do nível de ocupação da Idade do Ferro, em consequência das frequentes lavras do terreno, que contudo, não ultrapassam significativamente 0,40 m de profundidade (Quadro 3).

#### 4.2 – Características tipológicas do conjunto

Os materiais cerâmicos exumados foram objecto de classificação por parte dos dois primeiros signatários, tendo esta sido ulteriormente revista pelo segundo, que também se ocupou das comparações com outros conjuntos sidéricos. Os exemplares mais significativos apresentam-se reproduzidos nas Fig. 10 a 21, que correspondem ao catálogo a seguir apresentado.

##### 4.2.1 – Cerâmica manual

1 a 3 – Forma Abul IVA (potes de bordo encurvado para o exterior e de diâmetro da boca inferior a 180 mm); presente nas Fases I e II de Abul A e em Abul B. Pasta média, castanho-amarelada, muito micácea no n.º 2.

4 – Forma Abul IIIA (panela/pote de bordo encurvado para o exterior); presente nas Fases I e II de Abul A e em Abul B. Pasta média/grosseira, castanho-ane-grada.

5 e 6 – Forma Abul IIIB (panela/pote de bordo ligeiramente inclinado para o exterior); presente nas Fases I e II de Abul A e em Abul B. Pasta média/grosseira, castanho-ane-grada, com elementos ferromagnesianos ou feldspáticos, por vezes micácea.

7 a 9 – Forma Abul IIIB/IVA, com decoração denteada no lábio. Pasta média/grosseira, castanho-ane-grada por vezes muito micácea (n.º 9) ou com abundantes e.n.p de feldspato (n.º 8). Esta decoração ocorre na Fase II de Abul A e em Abul B.

10 – Bordo subvertical. Forma indeterminada. Pasta idêntica à dos n.ºs 5-6.

11 a 13 – Fundos planos. Presentes nas Fases I e II de Abul A e em Abul B. Pasta idêntica à dos n.ºs 5-6.

##### 4.2.2 – Cerâmica de engobe vermelho

14 e 15 – Pratos de engobe vermelho. Pasta castanho-avermelhada, fina e micácea; vestígios de engobe vermelho na face superior dos bordos. O n.º 14, com bordo de secção transversal completa, possui 40 mm de largura. O diâmetro da abertura do prato é de 260 mm. A relação entre o diâmetro e a largura do bordo é igual a 6,5.



Fig. 9 – Leião. Vista parcial da escavação, evidenciando-se em primeiro plano estrutura derruída. Foto de J. L. Cardoso.

Estes valores são compatíveis com cronologia situada no século VII a.C. O n.º 15, com bordo de 40 mm de largura actual e diâmetro de somente 200 mm é, em princípio, mais recente que o primeiro.

#### 4.2.3 – Cerâmica pintada. *Pithoi*

16 – *Pithos* de pasta idêntica à dos pratos nos n.ºs 14 e 15 e com banda vermelha na superfície interna do bocal. O perfil do bordo, triangular, e o tipo de colo, alto e rectilíneo, subvertical, levou-nos a datá-lo do século VII (cf. Torres Ortiz, 2008, p. 656).

17 a 22 – Prováveis *pithoi* de pastas finas (n.ºs 18, 20 e 22) ou médias (n.ºs 17, 19 e 21), alaranjadas/rosadas. Ausência de pintura. Pelo facto de mostrarem perfis de tendência curvilínea e se apresentarem acentuadamente extrovertidos, situamo-los, cronologicamente, no século VI a.C. (cf. RUIZ MATA & PÉREZ, 1995, p. 70; TORRES ORTIZ, 2008, p. 656).

23 a 29 – Fragmentos de asas pseudobífidas (n.ºs 23 a 27) ou de secção transversal plano-côncavo (n.º 28) ou convexo-côncavo (n.º 29). A asa pseudobífida é comum nos *pithoi* e nas urnas de tipo Cruz del Negro; ocorre, tal como as de secção convexo-côncava, em contextos orientalizantes tardios (século VI e primeira metade do século V a.C.).

#### 4.2.4 – Cerâmica cinzenta orientalizante

30 a 34 – Forma Abul IIA (prato de bordo oblíquo e rectilíneo simples ou com ligeiro espessamento interno, muito aberto, no prolongamento do bojo); presente em Abul A a partir do início da ocupação (cerca de meados do século VII a. C.) até ao final deste estabelecimento fenício (cerca de 575 a.C.), bem como em Abul B (finais do século VI/1.ª metade do V a.C.)

35 a 38 – Forma Abul IIB (prato de bordo encurvado, sem espessamento); presente em Abul A (a partir da Fase IB-IC – 3.º quartel do século VII a. C. – até ao final da ocupação) e em Abul B, onde se comporta como a segunda forma da cerâmica cinzenta orientalizante mais frequente (MAYET & SILVA, 2000, Quadro 22).

39 a 42 – Forma Abul IIC (prato de bordo encurvado para o interior, de lábio em bisel ou com ligeiro espessamento interno ou ainda quase vertical, com espessamento interno e externo, formando carena com o bojo – n.º 42). A forma Abul IIC2 (lábio com espessamento interno) é a segunda mais abundante em Abul A, surgindo desde o início da ocupação até ao seu final (MAYET & SILVA, 2000, Quadro 10); em Abul B é mesmo a mais frequente. Na Sé de Lisboa (Forma 1b) é a terceira mais abundante (ARRUDA *et al.*, 2000, Gráfico 1) e em Santarém (onde integra a Forma 1) é igualmente muito comum, estando presente em toda a sequência da Idade do Ferro (ARRUDA, 2002, p.198).

43 – Taça hemisférica de bordo ligeiramente introvertido; lábio em bisel. Trata-se de forma corrente em ambientes pré-orientalizantes.

44 – Forma 3A da Sé de Lisboa (taça de colo curto troncocónico invertido, de paredes rectilíneas e inclinadas para o exterior, com bordo simples na continuidade do colo).

45 e 46 – Forma 4 da Sé de Lisboa (recipiente de bordo simples, ligeiramente extrovertido, colo troncocónico invertido e bojo talvez globular – ARRUDA *et al.*, 2000, p.41).

47 a 49 – Forma 6 da Sé de Lisboa (= Tipo B3 de Medellín – taça de carena média que separa a parte inferior convexa da superior, côncava; bordo extrovertido). Este tipo foi datado em Medellín em 550-525 a.C. (LORRIO, 2008, p. 698).

50 a 52 – Fragmentos de colos decorados por molduras pertencentes provavelmente a jarros como o encontrado quase completo na Outurela (CARDOSO, 1990, Fig. 12, n.º 1).

53 a 57 – Fundos planos.

58 e 59 – Fundos de pé anelar.

Se os nossos exemplares 30 a 42 (Formas II de Abul, 1 da Sé de Lisboa, 1 de Santarém) pertencem a um tipo de cerâmica cinzenta orientalizante de grande difusão peninsular, com distribuição desde o Levante à fachada ocidental da Península, ocorrendo sempre em frequência elevada e com a produção a iniciar-se no século VIII a. C., já os n.ºs 43 a 52 são de tipos pouco frequentes (ausentes em algumas regiões) e produzidos mais tardiamente (formam um conjunto atribuível, de um modo geral, à segunda metade do século VI a.C.) De destacar as molduras que decoram os colos n.ºs 50 a 52, comuns em contextos do Ferro orientalizante tardio da região de Lisboa (Outurela, Moinhos da Atalaia, Sé de Lisboa e, agora, Leião).

#### 4.2.5 – Cerâmica ao torno sem tratamento especial

60 – Prato (?) de bordo rectilíneo e oblíquo. Pasta média castanho-anegrada.

61 a 64 – Pratos de bordo encurvado, sem espessamento. Pasta fina (n.º 64) a média (n.ºs 61 a 63), rosada.

65 – Panela de bordo alto ligeiramente inclinado para o exterior. Pasta grosseira, castanho-anegrada e micácea. Forma comum na cerâmica manual do horizonte orientalizante.

66 e 67 – Potes de bordo extrovertido, pendente. Pasta fina, alaranjada, com e.n.p. de quartzo e feldspato. O perfil destes bordos é semelhante ao dos *pithoi*, mas o diâmetro da boca (ca. 150 mm) não permite integrá-los nesta categoria morfofuncional.

68 a 71 – Fundos planos. Pasta fina (n.º 68) a média (n.ºs 69 a 71), rosada (n.º 69 com núcleo rosado e superfícies anegradas).

72 – Fundo ligeiramente côncavo, sem pé destacado. Pasta média, acinzentada.

73 – Fundo de pé anelar. Pasta rosada; superfície externa anegrada (engobe?).

#### 4.2.6 – Ânforas

74 – Tipo 10.1.2.1 (RAMÓN TORRES, 1995), com lábio de perfil subtriangular (face externa quase vertical e rectilínea, parte superior e face interna convexas). Pasta fina, rosada. Variante de lábio presente na Fase II de Abul A.

75 – Tipo 10.1.2.1 de Ramón Torres, com lábio de perfil triangular (face externa oblíqua, divergente e rectilínea, parte superior em bisel assimétrico e face interna acentuadamente convexa). Pasta fina, rosada. Variante de lábio presente nas Fases I e II de Abul A.

76 – Tipo 10.1.2.1 de Ramon, com lábio de perfil triangular (face externa oblíqua, divergente e côncava, parte superior convexa e virada para o exterior e face interna acentuadamente convexa). Pasta fina, rosada. Variante de lábio presente na Fase II de Abul A.

77 – Tipo 10.1.2.1 de Ramon, com lábio de perfil subquadrangular (face externa ligeiramente oblíqua, divergente e rectilínea, com restos de pintura, parte superior aplanada e face interna convexa). Pasta fina, alaranjada. Variante de lábio presente nas Fases I e II de Abul A.

78 a 80 – Asas atribuíveis a ânforas. Pastas rosadas e depuradas (n.º 78) ou grosseiras, feldspáticas (n.ºs 79 e 80).

Foram exumados outros fragmentos de asas de secção circular/oval, mas com diâmetro inferior ao dos atribuídos a ânforas. Trata-se dos n.ºs 81 a 86. Os exemplares 81 e 82 possuem pasta depurada e acinzentada; o 83, pasta depurada e rosada; o 84, pasta grosseira e micácea e o 85, pasta grosseira feldspática.

#### 4.2.7 – Cerâmica industrial

87 – Cossoiro de secção convexo-côncava, possuindo a concavidade muito cavada. A pasta é grosseira e negra, com numerosos e.n.p. de feldspato.

## 5 – CONCLUSÕES

### 5.1 – Cronologia

A ocupação sidérica representada pelo conjunto estudado parece centrar-se, cronologicamente, no século VI a.C., sendo provável que tivesse tido o seu início ainda no século VII. A este momento mais antigo pertenceriam o prato de engobe vermelho n.º 14 e o *pithos* n.º 16 (Fig. 10, n.º 1 e 2).

Quanto ao restante material, por um lado, possuímos exemplares cuja tipologia corresponde a contextos do século VII, mas que se mantém no século seguinte: toda a cerâmica manual; a cerâmica cinzenta orientalizante da Forma II de Abul e os n.ºs 53 a 57; os n.ºs 60 a 65 e 68 a 72 da cerâmica sem tratamento especial; as ânforas n.ºs 75, 76 (Fig. 10, n.º 3) e 77. Por outro lado, existe um conjunto de peças que não parece ser anterior ao século VI, podendo os respectivos tipos prolongarem-se pelo século V a.C.: é o caso dos presumíveis *pithoi* n.ºs 17 a 22; das asas pseudobífidas e convexo-côncavas, n.ºs 23 (Fig. 10, n.º 4) a 29; dos exemplares n.ºs 44 a 52 e 58 e 59 – pés anelares – de cerâmica cinzenta orientalizante; e dos exemplares n.ºs 66, 67 e 73 correspondentes a produções cerâmicas sem tratamento especial. Porém, estão ausentes tipos comuns no século V, como as ânforas afins do tipo Cancho Roano I, tão frequentes em Abul B, e as ânforas Maña-Pascual A4, igualmente presentes neste santuário dos finais do século VI e primeira metade do século V a.C. (MAYET & SILVA, 2000, Quadro 25).

### 5.2 – Integração económica e social

A ocorrência de espólios de importação de cunho orientalizante dos quais os mais antigos serão de reportar ao século VII a.C., num pequeno “casal agrícola” que, nas suas características e finalidades, em nada difere



**Fig. 10** – Leião. Materiais cerâmicos da Idade do Ferro. De cima para baixo e da esquerda para a direita: bordo de prato de engobe vermelho (n.º cat. 14); bordo de *pithos* (n.º cat. 16); bordo (n.º cat. 75) e asa pseudobífida (n.º cat. 24).

dos seus antecessores, na mesma região, do Bronze Final, vem mostrar que a estratégia de exploração agrícola, intensiva e extensiva, dos terrenos do aro oeirense, essencialmente vocacionados para a produção cerealífera, se manteve, ao nível dos próprios sistemas produtivos, na I Idade do Ferro. Tenha-se presente, em abono desta conclusão, não só a cronologia absoluta obtida para o sítio do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais), cujo limite inferior do intervalo para 95% de confiança atinge os começos do século VIII a.C. (CARDOSO, 2006), mas sobretudo a evidente continuidade que se verifica ao nível das produções de cerâmicas manuais encontradas em Leião, associadas a produções importadas fabricadas ao torno rápido, face às suas antecessoras do Bronze Final recolhidas naquele e em outros sítios do aro oeirense. Quer isto dizer que, imediatamente após o estabelecimento de populações de origem mediterrânea, entre as quais se poderiam contar alguns indivíduos fenícios – ou tartéssicos (na aceitação desta alternativa ao modelo da colonização fenícia proposto por M. Almagro-Gorbea para o litoral atlântico) – em locais dominando o estuário do Tejo, tanto no morro do Almaraz, em Almada, como na plataforma da Sé, em Lisboa (ARRUDA, 2002), se verificou a progressão da “colonização agrícola” para o interior do território ribeirinho, podendo ter havido um curto momento de interacção com as derradeiras populações do Bronze Final, que ali continuavam a dedicar-se a intensa exploração agro-pastoril. Desse curto momento de interacção, resultou a imediata aquisição, por parte destas últimas, de uma panóplia artefactual até então desconhecida, com destaque para as primeiras produções cerâmicas feitas ao torno rápido. Tal movimento de ocupação das férteis terras basálticas e calcárias ribeirinhas da margem norte da

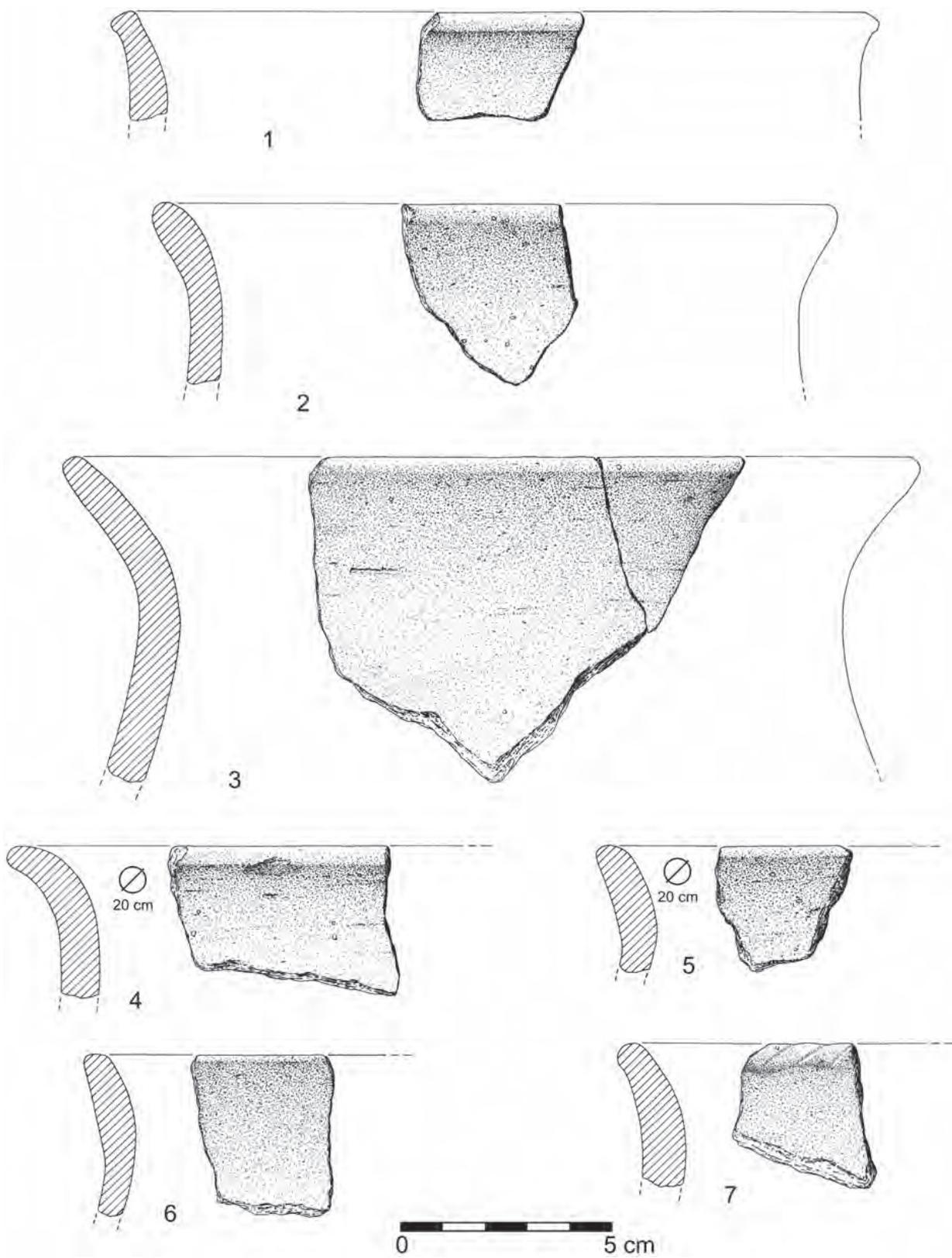


Fig. 11 - Leão. Catálogo das produções cerâmicas.

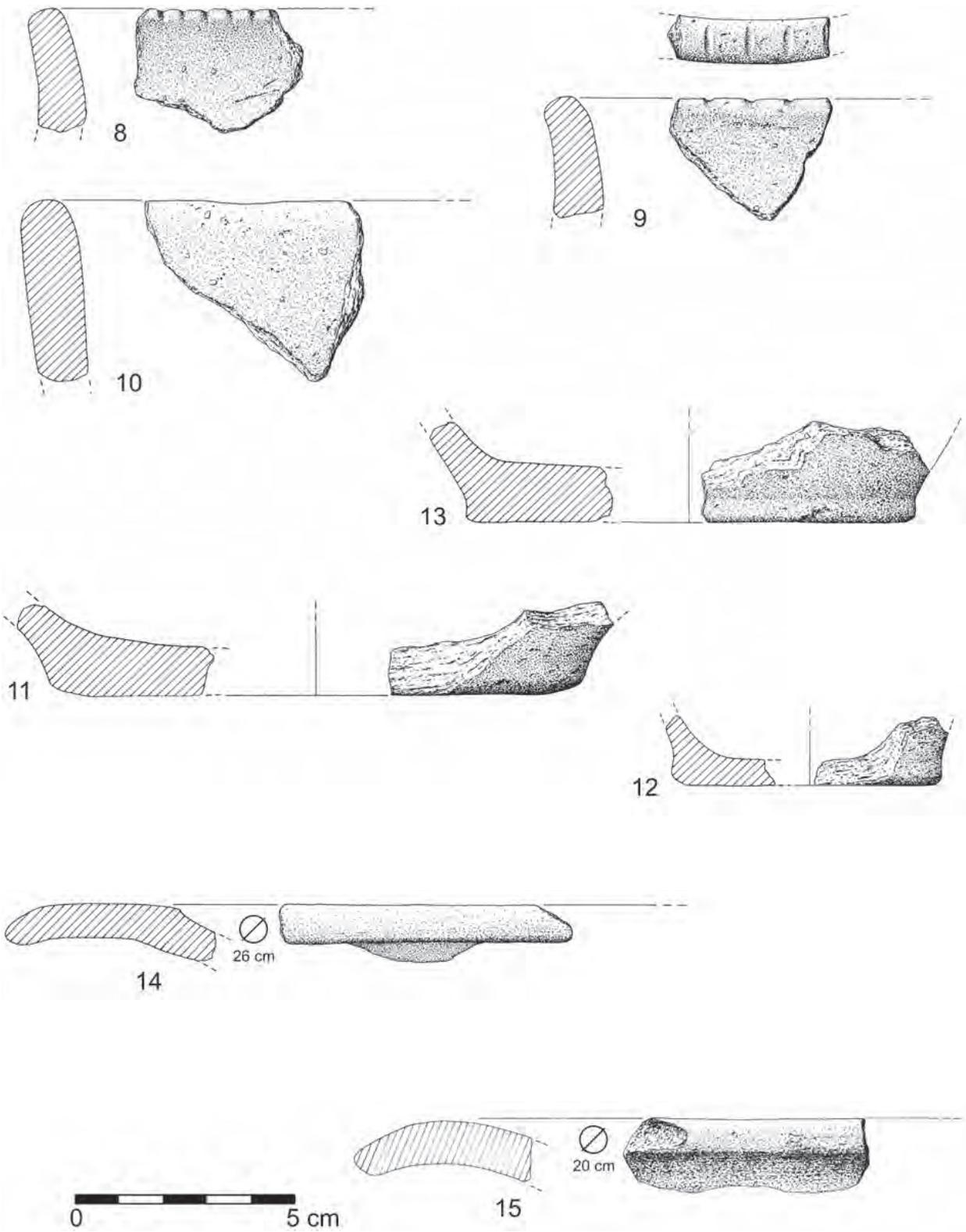


Fig. 12 - Leão. Catálogo das produções cerâmicas.

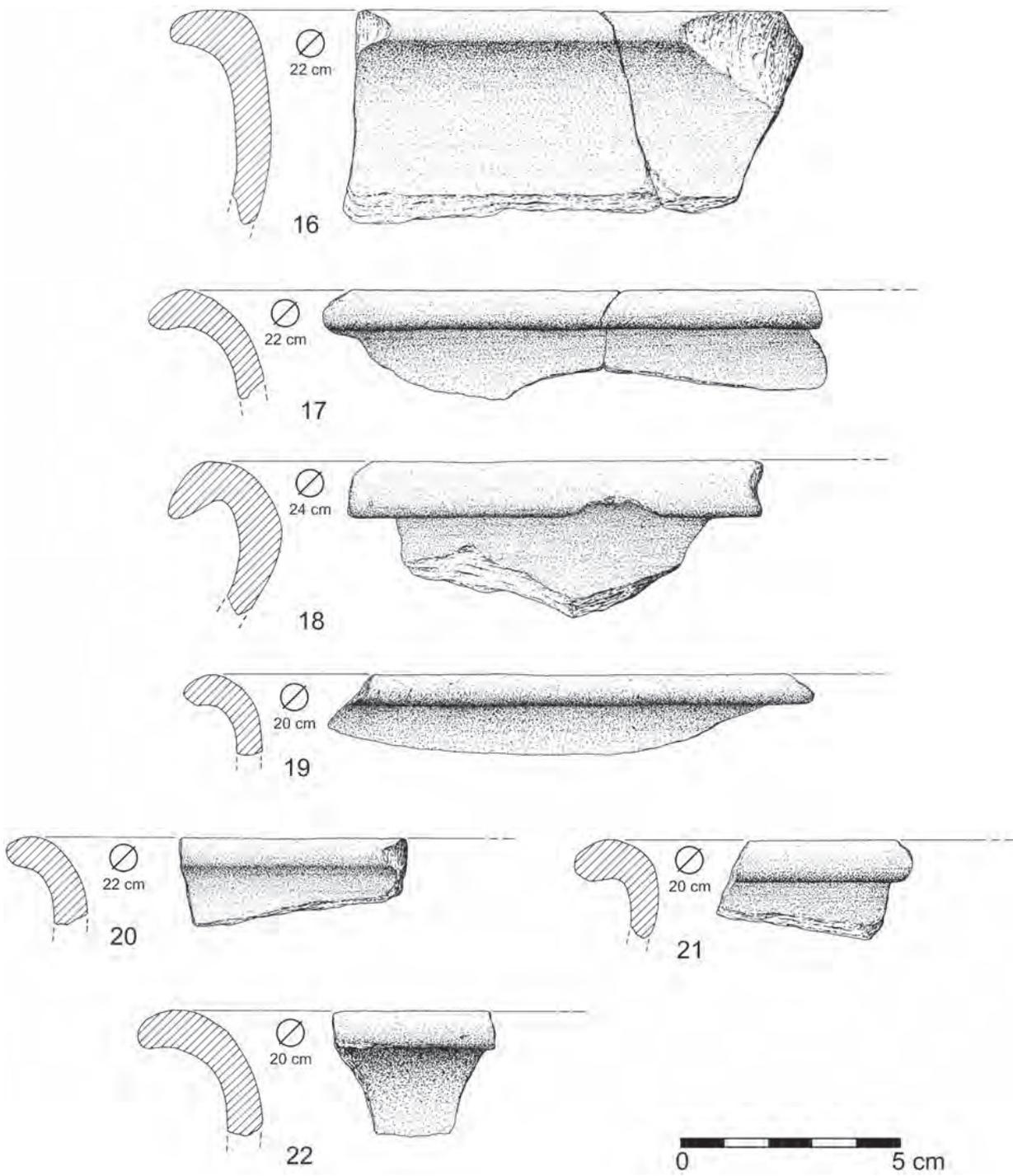


Fig. 13 - Leão. Catálogo das produções cerâmicas.

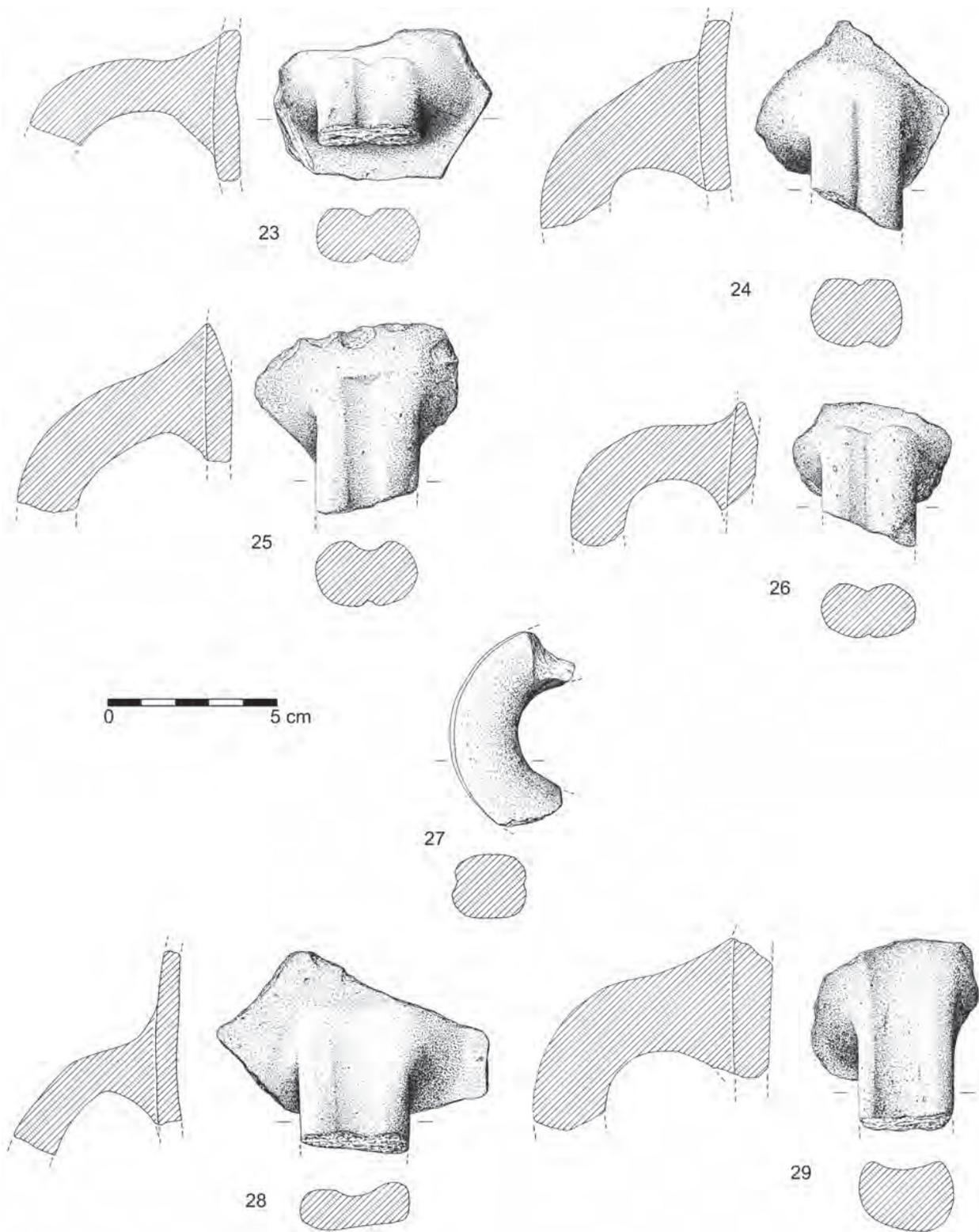


Fig. 14 - Leião. Catálogo das produções cerâmicas.

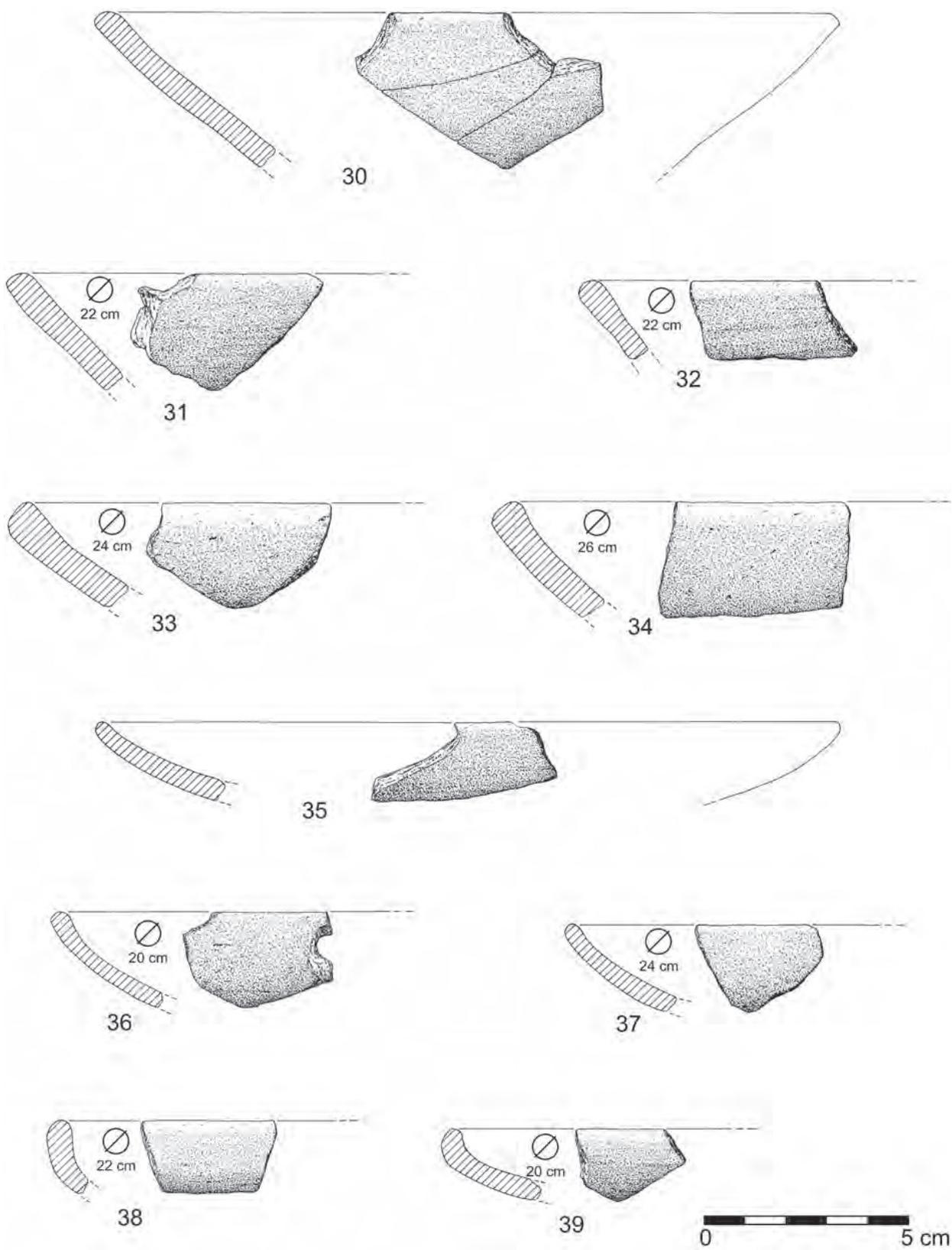


Fig. 15 - Leão. Catálogo das produções cerâmicas.

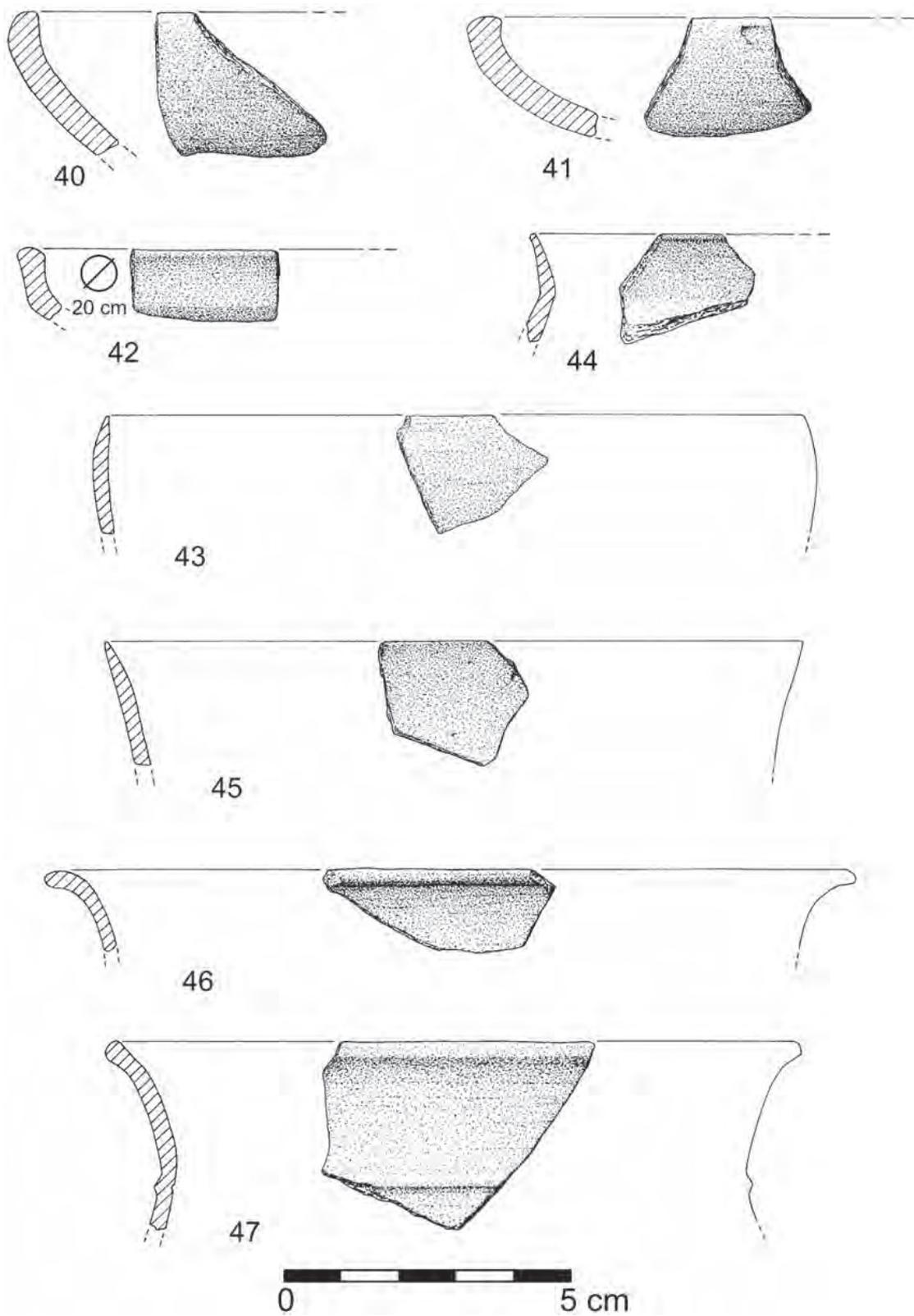


Fig. 16 - Leião. Catálogo das produções cerâmicas.

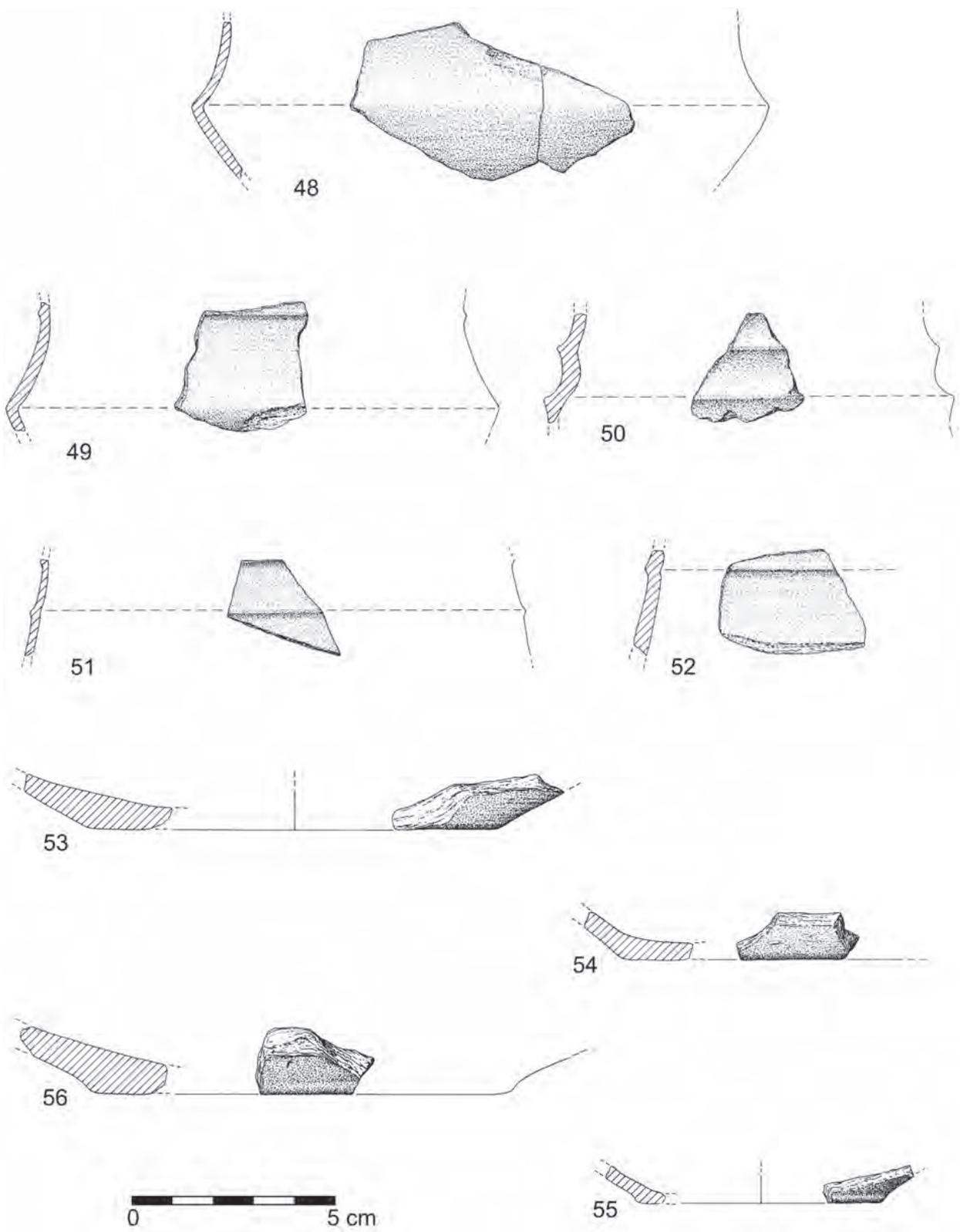


Fig. 17 - Leião. Catálogo das produções cerâmicas.

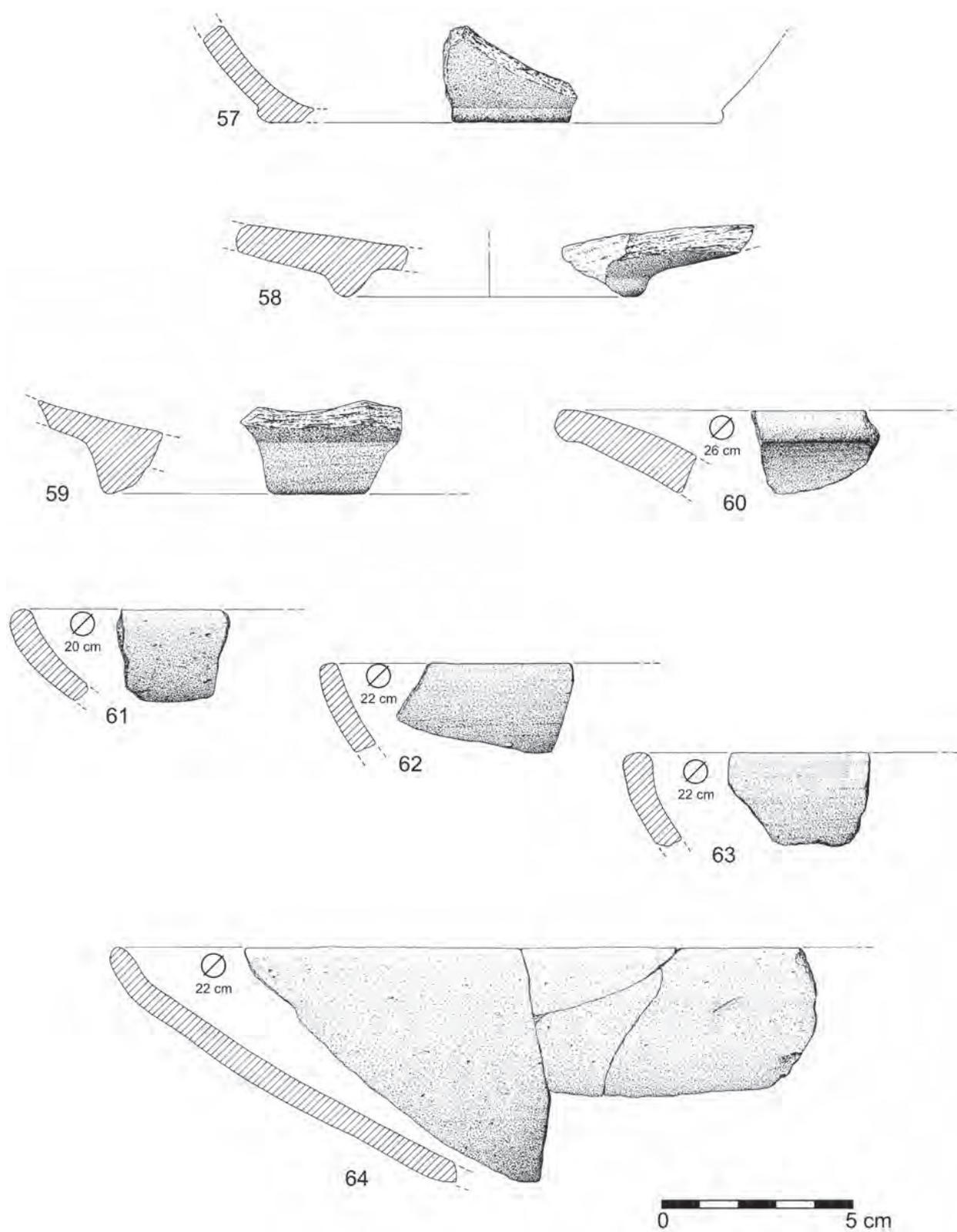


Fig. 18 – Leião. Catálogo das produções cerâmicas.

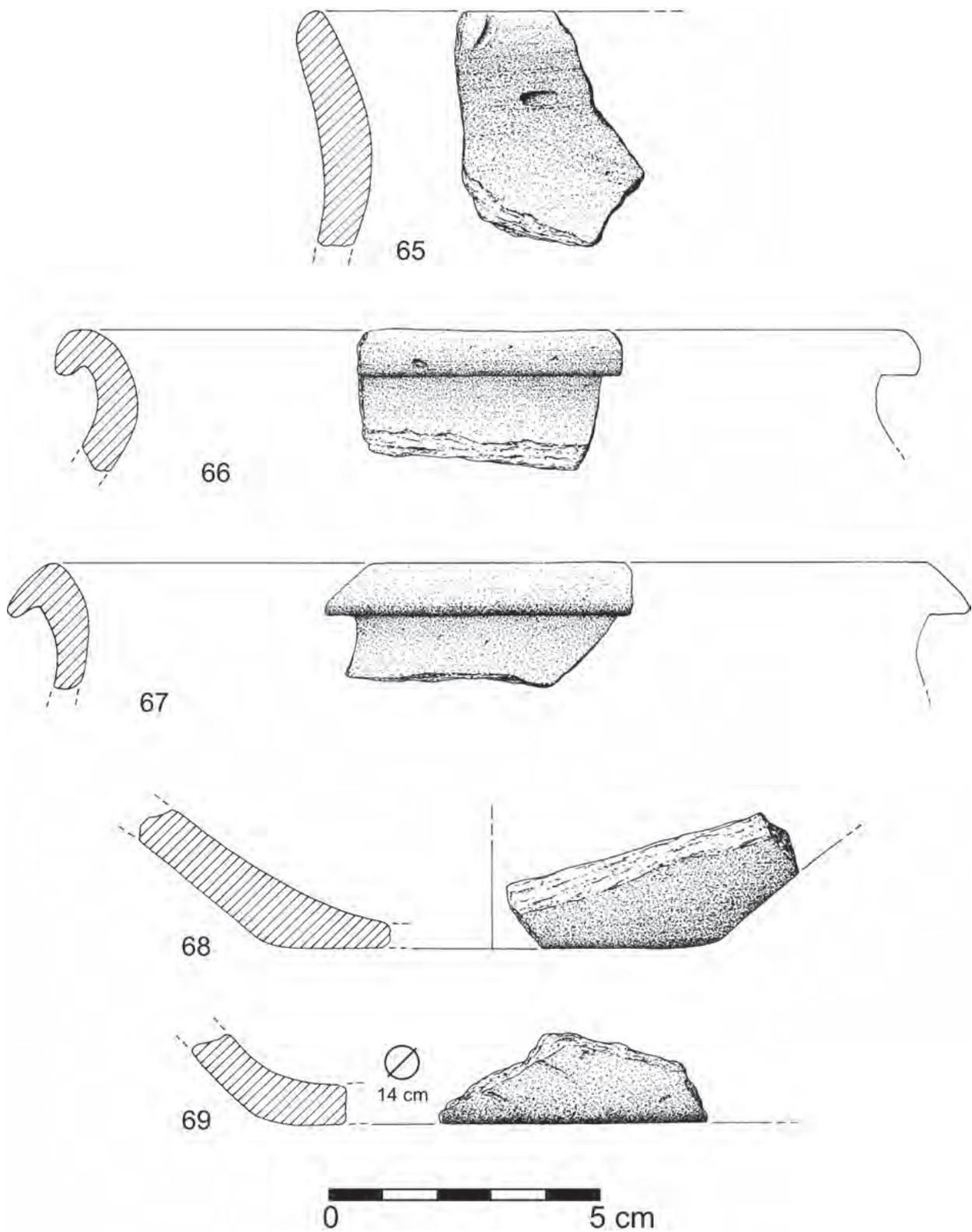


Fig. 19 - Leião. Catálogo das produções cerâmicas.

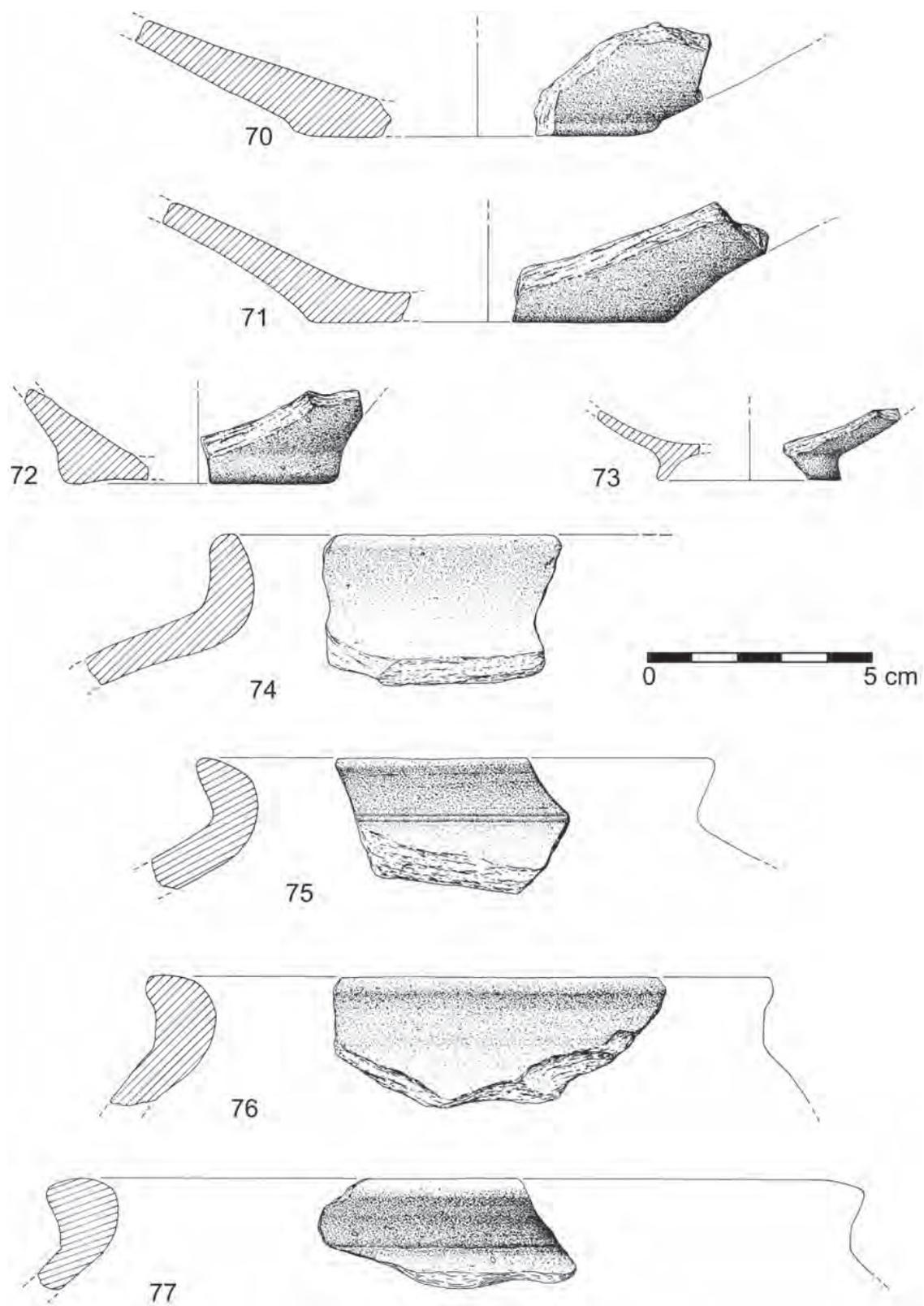


Fig. 20 - Leião. Catálogo das produções cerâmicas.

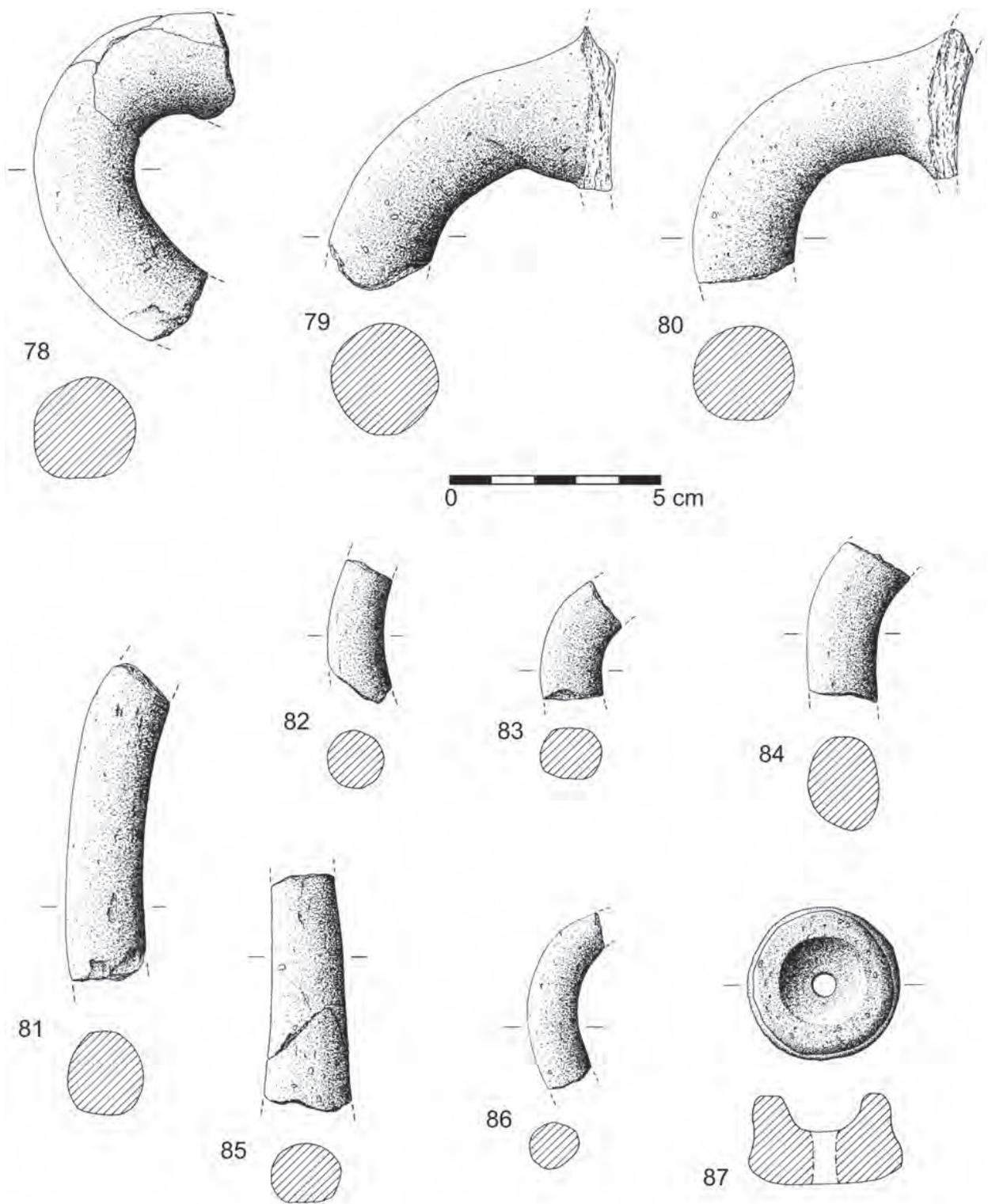


Fig. 21 - Leão. Catálogo das produções cerâmicas.

foz do Tejo fora já preconizado pela primeira vez pelo signatário em 1990, com base nos então recém-escavados sítios de Outurela I e II, dos finais do século VI/século V a.C. (CARDOSO, 1990). As escavações efectuadas no casal agrícola de Leião permitem concluir que o lapso de tempo entre a chegada dos primeiros impulsos orientalizantes à região do estuário e a colonização agrícola dos territórios envolventes foi muito menor que o até agora admitido.

Certamente que o movimento de ocupação das férteis terras adjacentes ao estuário não era estranho aos propósitos económicos dos recém-chegados, interessados na obtenção de bens de consumo, como cereais e, até eventualmente carnes de conserva, para além de metais, como o estanho e o cobre, que aqui afluíam num movimento concertado de larga amplitude desde o Bronze Final, conclusão expressivamente ilustrada pelo molde para foices de bronze de talão encontrado em Casal de Rocanes, Sintra (CARDOSO, 2004, Fig. 138). Para além da possibilidade de comercialização dos produtos da terra atrás aludidos, estes serviriam, naturalmente, para abastecer as urbes em franca expansão, especialmente a antecessora da actual cidade de Lisboa, de carácter essencialmente comercial, em processo de acelerado crescimento desde os primórdios da Idade do Ferro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, A. M. (2002) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona: Universidade Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T. de & VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 25-59.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do Estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (2005) – A ocupação agrária do concelho de Oeiras na Época Romana. *VI Encontro de História Local do concelho de Oeiras – História, Espaço e Património Rural*. Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 41-55.
- LORRIO, A. J. (2008) – Cerámica gris. In Almagro-Gorbea, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II – Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 673-723.
- MAYET, F. & SILVA, C. Tavares da (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul, Portugal*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- RAMÓN TORRES, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona.

RUIZ MATA, D. & PÉREZ, C. (1995) – *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. El Puerto de Santa María.

TORRES ORTIZ, M. (2008) – Urnas o *pithoi* de tipo “Loring”. In Almagro-Gorbea, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II – Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 655-657.